

# CLIMA & HIDROGRAFIA EM *MENINO DE ENGENHO*, de José Lins do Rego: uma análise sócio-etnolingüística

A presente comunicação intitulada **CLIMA & HIDROGRAFIA EM *MENINO DE ENGENHO*, de José Lins do Rego: uma análise sócio-etnolingüística**, é parte da nossa pesquisa desenvolvida no Doutorado em Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Araraquara/SP e tem como finalidade maior evidenciar vocábulos regionais/populares, considerando o nível do léxico utilizado na cultura canavieira, especificamente na realidade sociocultural do Nordeste brasileiro, a partir do mundo físico, tais como a flora, a fauna, o clima e a hidrografia, entre outros e sua repercussão na língua. Pretendendo-se constatar como a língua reflete e retrata a realidade física, social e cultural de uma região.

Averiguamos, mais especificamente, de que maneira a relação entre o tipo de linguagem utilizado pelos habitantes da região açucareira e sua cultura é retratada no vocabulário, procurando-se, conseqüentemente, detectar possíveis interpenetrações lingüísticas e extralingüísticas que agem na configuração desse vocabulário. Nossas reflexões foram orientadas por princípios teóricos especialmente da Lexicologia, da Semântica, da Sócio e da Etnolingüística indicadas na fundamentação teórica, além de textos específicos sobre a obra de José Lins do Rego, bem como dicionários gerais e específicos da língua regional.

Para atingirmos os objetivos propostos, procedemos à observação direta da obra, tendo em vista o nível lingüístico do léxico, espelho da realidade física, social e cultural da região, e, em particular, do universo açucareiro. Foram detectados os aspectos léxico-semânticos, de forma a se consubstanciar uma amostra bastante representativa do universo de *Menino de engenho*. Durante o curso das investigações, foram observadas questões específicas envolvendo o intercâmbio entre a sociedade, a cultura e a língua. Daí a necessidade dessa visão sócio e etnolingüística, numa concepção de linguagem apoiada também na Sociologia e na Antropologia Cultural.

Constituí, assim, objeto de nossa análise a linguagem regional/popular nordestina, considerando-se aspectos de ordem histórica, antropológica, sociológica que o Autor exercita de forma livre, espontânea, num estilo com sabor de oralidade, constituindo-se numa marca da influência da linguagem regional/popular sobre a escrita.

A contribuição propiciada por esse estudo repousa, a nosso ver, na influência de manifestações socioculturais e na sua interação com a língua, na obra em análise. Optamos pelo nível lexical, uma vez que o léxico é o elemento móvel mais sensível às mudanças culturais, que torna possível os diversos momentos de realização da língua, de forma que revela os interesses culturais de uma determinada comunidade.

Para tal análise, fizemos um levantamento sistemático dos termos, expressões e estruturas lingüísticas, consideradas regionais/populares na obra. Foram detectados os aspectos léxico-semânticos, de forma a se consubstanciar uma amostra bastante representativa do universo de *Menino de engenho*. Durante o curso das investigações, foram observadas questões específicas envolvendo o intercâmbio entre a sociedade, a cultura e a língua. Daí a necessidade dessa visão sócio e etnolingüística, numa concepção de linguagem apoiada também na história na Sociologia e na Antropologia Cultural.

Os dados foram organizados em campos léxico-semânticos, verificando-se, principalmente, as relações manifestas com a **práxis** social entre os diferentes termos selecionados.

Os vocábulos levantados em *Menino de engenho* têm como suporte a realidade sociocultural do engenho, expressos pela linguagem regional/popular, ressaltando-se que, esse tipo de variação apresenta muito mais componentes de natureza etno-sociolingüística do que propriamente regional.

Os dados hauridos do **corpus** foram agrupados em três macrocampos considerando-se o **mundo físico** como representação da natureza, com todos os seus elementos e sua relação com o homem; os **tipos humanos**, destacando-se, sobretudo, o **menino de engenho** com todas as suas reminiscências, o **senhor de engenho** - representante da aristocracia rural vigente e, por fim, o **homem do eito**. Esse sistema tripartite dá a configuração do homem e de sua relação com a **cultura**, esta, constituindo o **terceiro** macrocampo em que se pode observar, no **plano material**, o engenho como construção (visão sociocultural), como fábrica, a agricultura, a alimentação e a medicina popular. No **plano espiritual**, incluem-se a religiosidade, as credences e costumes além de artes e diversões que foram abordados como elementos

portadores de idéias, de padrões de comportamento e atitudes, refletindo a relação correspondente no comportamento lingüístico.

Para a organização dos campos léxico-semânticos específicos, adotamos um conjunto de gráficos do tipo organogramas, procurando explicitar as relações semânticas básicas entre os vocábulos regionais/populares coletados em *Menino de engenho*. A metodologia usada para a elaboração desses gráficos teve como suporte os modelos apresentados por John Lyons e B. Pottier cujas obras serão referenciadas ao final do trabalho.

Esse conjunto de informações forneceu os dados que foram analisados no plano da Semântica e da Lexicologia a fim de explicitar a descrição da realidade lingüística nordestina como um dos paradigmas da realidade brasileira.

Estabelecemos, enfim, uma análise léxico-semântica considerando a realidade sócio-lingüístico-cultural, tornando possível uma visão lingüística, específica do ambiente físico e humano do mundo dos engenhos.

Vejamos, a seguir, a nossa análise específica em torno do campo léxico-semântico do Clima e da Hidrografia.

## Descrição temática do campo léxico-semântico

### Clima & hidrografia

Neste campo incluíram-se não apenas os rios, mas todo manancial associado à idéia de ÁGUA - elemento de importância relevante no dia-a-dia do engenho, de forma a estabelecer-se uma vinculação entre ele e a realidade humana; além, evidentemente, do clima, como fenômeno ligado à hidrografia.

Como já foi dito, não foram incluídos, neste campo, apenas as correntes hídricas, mas, ainda, associaram-se outros itens que constituem fenômenos cíclicos, como as enchentes, de grande destaque no universo do Nordeste úmido.

O episódio da cheia constitui um fato marcante no mundo dos engenhos, razão por que há tantas expressões para caracterizá-lo. Observemos algumas: “**cabeça da cheia**”, “**correnteza d’água**”, “**barulho das águas**”, “**água muita**”, “**água com força de açude arrombado**”, entre outras.

O Rio Paraíba sintetiza a maior corrente hídrica naquele contexto e representa, assim, o paradoxo entre a destruição e a riqueza.

O problema da enchente nivela a todos, igualando os da casa-grande e os da “senzala”.

Como se vê, *Menino de engenho* é um documento vivo da miséria da Várzea, das dificuldades do homem servil, pobre, que vive em condições subumanas, uma vez que o clima e a hidrografia, notadamente, a cheia exercem tanta influência nos seus hábitos e costumes, expressos com vigor na língua comum.

A cheia representa também perspectiva de fartura, pois traz o limo para a terra. Assim, a mesma água que destrói traz a fartura.

Observemos, assim, a visão do Coronel Zé Paulino, ao tratar das enchentes:

*“Meu avô, em pé, olhava de uma ponta da calçada as suas plantas de cana submersas, a sua safra quase toda perdida. Mas não se lastimava porque sabia que riqueza em limo lhe trouxera o rio por suas terras. Ele mesmo dizia: - Gosto mais de perder com água do que com o sol.”(ME, p.71)*

Se o Rio Paraíba destrói os partidos de cana, se estraga as plantações, representa, também, a fartura, o limo para a terra.

Observemos, nos trechos a seguir, a grande importância desse fenômeno para a vida dos engenhos, assumindo dimensões expressivas nas relações entre os dominados e o senhor de engenho.

*“O povo gostava de ver o rio cheio, correndo água de barreira a barreira. Porque era uma alegria por toda a parte quando se falava da cheia que descia. E anunciavam a chegada como se tratasse de visita de gente viva [...]”(ME, p.68) [...]*

*“E por onde as águas tinham passado, espelhava ao sol uma lama cor de moeda de ouro: o limo que ia fazer a fartura dos novos partidos.”(ME: p.74)*

O Rio, enfim, é o elemento de efeito mágico funcionando, sobretudo no inverno, como um personagem dramático, caracterizando a interação da natureza com o homem.

As citações a seguir justificam:

*“Fomos ver o rio. E pouco andamos, porque já estava entrando pelas estrebarias.”(ME, p.79) [...]*

*“Mas o rio, que vazava para mais de metro, à noitinha começou a encher outra vez. Nós íamos sair de casa em carro de boi para a caatinga.”(ME, p.72)*

Há nele uma significação simbólica trazendo a imagem da terra fértil, coberta de lavoura, num cenário verde, com água deslizante e de grande fecundidade.

Sua faixa marginal povoa-se de casas-grandes, solares, de amplas varandas, harmonizando a fidalguia com a fartura, caracterizando, assim, o domínio do patriarcalismo, símbolo de dominação e de poder.

A pintura da “enchente” do rio é uma das passagens mais belas do romance que se passa na zona fronteira entre Pernambuco e Paraíba, retratando, com muita clareza, as paisagens e a vida dos engenhos de açúcar, na civilização rural nordestina.

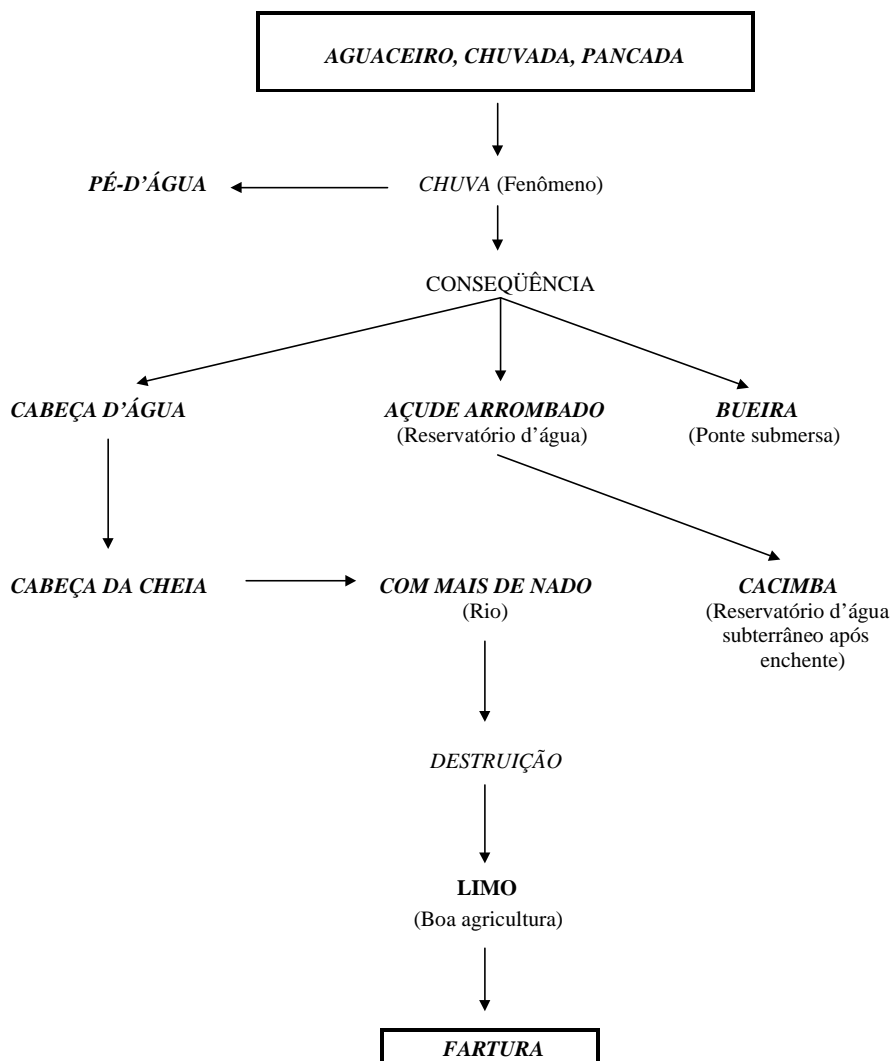
Como se observa, apesar de todas as classificações, é intensa a marca do Regionalismo na obra,

a riqueza de vocábulos, bem como a existência de uma marca forte, de um estilo de espontaneidade, de apegos ao mundo descrito. É importante salientar que a base regionalista foi fundamental para a obra de José Lins enquanto narrativa criada a partir de uma motivação estético-cultural.

Ressaltamos que, na bibliografia compulsada, pouco há descrito sobre a questão do clima e da hidrografia em *Menino de engenho*. Entretanto, esperamos que as nossas observações preliminares possam ser valiosas para futuros pesquisadores dessa área.

## CAMPO CONCEITUAL & REDE SEMÂNTICA

### 1.1 CLIMA & HIDROGRAFIA



### Bibliografia sobre José Lins do Rego

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro* (1857-1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ZÊVEDO, Neroaldo Pontes de. *José Lins do Rego: trajetória de uma obra*. João Pessoa: FECP, 1996.
- CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. In: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. 1959, p. 280-82.
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: EDART, 1961.
- \_\_\_\_\_. José Lins do Rego e a criação do ciclo da cana-de-açúcar. *Diários Associados*, Rio de Janeiro: 12 jan. 1956. Edição Especial dedicada ao Açúcar.
- \_\_\_\_\_. Memória e regionalismo. In: REGO, José Lins do. *Romances reunidos de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CAVALCANTI, Valdemar. "Menino de engenho". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro: 19, jun. 1932, p. 19.
- COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar. José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.

- COUTINHO, Odilon Ribeiro. *José Lins do Rego, perda e reparação*. Natal: Ed. Part, 1961.
- COUTINHO, Afrânio. *José Lins do Rego*. Org. por Eduardo F. Coutinho & Ângela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FUNESC, 1991.
- GARBUGLIO, José Carlos. Fôlego de gato (O regionalismo e suas versões). In: *Acta Semiótica et Lingüística*. São Paulo: Global, 1979.
- INOJOSA, Joaquim. Esta carta ao Zé Lins. *Jornal do Commercio*, Recife, 4 jun. 1922.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 142.
- PONTES, Maria das Neves A. de. *A influência da língua falada em Menino de engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. Visitando José Lins do Rego e seu *Menino de engenho*. In: *Revista da Academia Paraibana de Letras*. Nº 11, João Pessoa, 1994.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RONAI, Paulo. De *Menino de engenho* a *Pedra bonita*, estatuto. In: REGO, José Lins do. *Pedra bonita*, 9. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 8-25 (Col. Sagarana, 53).
- SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Morais. *Nordeste, açúcar e poder*; um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba (1920-1962). João Pessoa: CNPq/UFPB, 1990.
- SOBREIRA, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego*: ensaio. 2. ed., João Pessoa: A União, 1979.
- VILANOVA, José Brasileiro Tenório. *Linguagem e estilo de um menino de engenho*. Recife: Imprensa Universitária, 1962.
- BERNSTEIN, B. *Langages et classes sociales*. Paris: Ed. de Minuit, 1975.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- \_\_\_\_\_. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.22., n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987.
- \_\_\_\_\_. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-145.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990, p.98.
- BORBA, F. da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: CEN, 1970.
- CASCUDO, L. da C. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1976, p. 345.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do açúcar*: pesquisa e dedução. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971. (Col. Canavieira, 5)
- \_\_\_\_\_. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, [s.d.], p. 167.
- GARMADI, J. *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: D. Quixote, 1983.
- GECKLER, H. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

## Dicionários e Glossários

## Bibliografia Lingüística

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva et al. *Glossário aumentado e comentado de A bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- BARBALHO, Nelson. *Dicionário do açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 1984.
- CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.
- CLEROT, L. F. *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*: estudo de glotologia e semântica paraibana. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1959.
- MOURA, F. Hugo. Alimentação e linguagem popular. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa: nº 17, 54-71, 1970.
- ODILON, Marcus (org.) *Camumbembe e seus parentes*. Belém: Falangola, 1997.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário folclórico da cachaça*. Recife: 1973.
- AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 418.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Lingüística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A União, 1983.
- BALDINGER, R. *Teoria semántica* - hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970, p. 278.
- BALLY, C. *El lenguaje y la vida*. 7. ed., Buenos Aires: Editorial Lozada, 1977.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.
- BASÍLIO, Margarida. *Estrutura lexical do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral-I*. São Paulo: Nacional, 1976.